

Ano XX nº 5971 – 14 de janeiro de 2019

Reforma da Previdência NÃO protege o trabalhador

A proposta de reforma da Previdência está prevista para ser entregue ao Congresso Nacional em fevereiro e, além de alterar as regras de idade mínima para a aposentadoria, também deve incluir a substituição do regime atual por um modelo de capitalização, que tem como referência o sistema utilizado no Chile, na qual cada trabalhador fará a sua própria poupança, de forma individual.

De acordo com Andras Uthoff, Economista e Ex-Conselheiro Regional da Organização Internacional do Trabalho, que participou da Comissão sobre Reforma do Sistema de Pensões e da Comissão sobre Reforma do Sistema de Seguro de Saúde do Chile, o sistema previdenciário deve proteger o trabalhador de três riscos fundamentais: o demográfico, risco financeiro e o desemprego, o que não acontecerá caso a reforma da Previdência seja aprovada. “Todos estes riscos, no sistema capitalista, quem assume é o trabalhador, não é o sistema. Se você não tem emprego, não pode guardar dinheiro, e por causa disso, no sistema de contribuição individual, você não teria uma aposentadoria”, explicou.

Uma das justificativas da reforma da Previdência é o aumento da expectativa de vida dos trabalhadores, e, por isso, a proposta altera a idade mínima de aposentadoria. “Se a expectativa de vida aumentar até você chegar, na época da aposentadoria, quem assume isso é você e cai a sua renda vitalícia. Ou seja, todos os riscos de um sistema são assumidos, no sistema capitalista, de modo individual pelo trabalhador. O sistema não o protege. ”, completou Andras Uthoff.

Polêmicas marcam os primeiros dias de governo

A confusão toma conta do Palácio do Planalto. Das inúmeras decisões que impõem retrocesso ao país, Bolsonaro voltou atrás de, pelo menos, sete. Isso em menos de 10 dias de mandato. O que mostra que o presidente e sua equipe não tem um projeto para o Brasil.

As medidas envolveram muita polêmica e a maioria causava sérios danos à nação, como a proibição de livros didáticos, destinados aos alunos do 6º ao 9º ano, tratarem de temas como violência contra a mulher e a promoção da cultura quilombola, indígena e de outros povos. Uma censura ao conhecimento. O governo só voltou atrás depois das críticas generalizadas. Outra área de desentendimento constante entre Bolsonaro e sua equipe é a economia. Nem bem assumiu, o presidente anunciou o aumento da alíquota do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras). Para controlar a insatisfação, horas depois, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, desmentiu.

Onyx está envolvido ainda no caso das demissões de funcionários de carreira só por terem posicionamento diferente do governo. A medida causou um estrago na Casa Civil e o ministro teve de recontratar os servidores. A reforma agrária também está na lista das confusões e cinco dias depois de paralisar a política em todo o país, o Incra voltou atrás. Teve ainda a ideia desastrosa de instalar uma base militar norte-americana no Brasil que só não seguiu adiante porque pegou mal entre os militares. Outro recuo ocorreu na Caixa. Depois da repercussão negativa sobre o aumento dos juros imobiliários para a classe média, o presidente do banco, Pedro Guimarães, desistiu da ideia. Para finalizar as idas e vindas, tem a queda do chefe da Apex, Alex Carreiro, apenas uma semana após sua posse.